



## **A CRIANÇA KAINGANG E SEUS BRINCARES**

RODRIGUES, Lilian Beatriz Schwinn<sup>1</sup> - UNOCHAPECÓ

BELTRAME, Lisaura Maria<sup>2</sup> - UNOCHAPECÓ

Grupo de Trabalho - Educação, Arte e Movimento  
Agência Financiadora: não contou com financiamento

### **Resumo**

O brincar é parte constitutiva da infância, assumindo características próprias em cada cultura. É por intermédio do brincar que o ser humano conhece a si mesmo e ao mundo que o rodeia. Na cultura indígena, além de ser próprio da infância, é fonte inquestionável à transmissão das formas de ser e estar indígena. Este é o foco do presente trabalho, analisar o brincar da criança indígena kaingang. O estudo foi realizado em aldeia de um município no norte do RS, mediante autorização da FUNAI, cacique da comunidade e gestora escolar. É parte de estudo mais amplo, sendo que para o presente trabalho faremos uso, somente, das informações decorrentes das observações realizadas em espaços coletivos com crianças de ambos os gêneros, como a parte livre central da aldeia, açude, rios, campo de futebol e o pátio da escola. As informações colhidas entre julho e outubro de 2012 foram registradas em diário de campo e analisadas qualitativamente. O estudo revelou que as manifestações lúdicas das crianças kaingang estão ligadas a brincadeiras, jogos e equipamentos inerentes a sua cultura, com ênfase em elementos da e na natureza e com predomínio da presença de meninos nos locais observados. No entanto, a redução da área indígena limita a cultura infantil, assim como, o contato com a cultura não indígena vem introduzindo os jogos eletrônicos e industrializados, que cada vez mais assumem o tempo e o espaço da infância indígena.

**Palavras-chave:** Cultura indígena. Criança kaingang. Brincar.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, UNICS - PR. Professora do curso de Educação Física e Pedagogia da Universidade Comunitária da Região de - Unochapecó; Coordena o Projeto de Extensão de cuidado e atenção à criança e ao adolescente hospitalizado “Sorriso para a vida”. Membro do Grupo de Pesquisa Abordagens do Processo Educativo e Grupo de Pesquisas Pedagógicas em Educação Física- Unochapecó. Atualmente desenvolve pesquisa financiada sobre Os Brincares e a Cultura Infantil e Formação em Educação Física. E-mail: schwinn@unochapeco.edu.br

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Professora dos cursos de Licenciatura da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, UNOCHAPECÓ. Coordenadora do curso de especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais com Ênfase em Estudos da Infância. Coordenadora da Brinquedoteca da UNOCHAPECÓ. Coordenadora do grupo de pesquisa Abordagens do Processo Educativo. Atualmente desenvolve pesquisa financiada sobre Os Brincares e a Cultura Infantil. E-mail: lisaura@unochapeco.edu.br

## Introdução

Embora não haja números exatos, a população indígena brasileira é estimada em cerca de 210 grupos étnicos, na atualidade, que falam aproximadamente 180 línguas, totalizando 0,2 % da população brasileira. Entre os diversos povos indígenas, um vive, principalmente, no planalto sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC), Paraná (PR) e em parte do estado de São Paulo (SP), denominado de Kaingang.

É a cultura kaingang que passa a ser o foco do presente trabalho, mais especificamente, o exercício de analisar a cultura do brincar da criança indígena. O brincar é parte constitutiva da infância, assumindo características próprias em cada cultura. É por intermédio do brincar que o ser humano conhece a si mesmo e ao mundo que o rodeia. Na cultura indígena, além de ser próprio da infância, é fonte inquestionável para a transmissão das formas de ser e estar indígena.

Muito se tem falado sobre sociedades indígenas, porém, conforme constatado durante a busca do aporte teórico, uma das questões relevante e pouco pesquisada diz respeito ao universo infantil, suas formas primárias de socialização como o brincar, seus conhecimentos espontâneos e as formas de aprendizagem no contexto escolar.

O texto é parte constitutiva de trabalho mais amplo que objetivou traçar um paralelo entre o brincar do passado e o brincar da atualidade da infância kaingang, por intermédio de um trabalho de campo marcado pelas observações, registro fotográfico e entrevistas. Para a presente produção, iremos nos valer somente das informações provenientes das observações, que objetivaram identificar as atuais características da cultura do brincar da criança kaingang.

As observações foram realizadas entre julho e outubro de 2012, por acadêmico<sup>3</sup> do curso de Educação Física da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Unochapecó, de etnia kaingang, o que facilitou sobremaneira a coleta das mesmas, que foram analisadas qualitativamente. A coleta de informações ocorreu em Aldeia Indígena kaingang localizada em município ao norte do RS. Os sujeitos foram crianças de ambos os gêneros, observados em espaços coletivos como a parte livre central da aldeia, açude, rios, campo de futebol e o pátio da escola local, considerando que este também é utilizado em tempos distintos aos do horário escolar por toda comunidade. As informações foram registradas em diário de campo

---

<sup>3</sup> André Luiz Kasenhir Lopes, estudante do curso de Educação Física da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó.

em forma de notas descritivas e analíticas, que permitiram entre outros, identificar as formas e a composição grupal do brincar e o registro dos instrumentos lúdicos.

Para a realização do trabalho de campo solicitamos autorização junto à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) da região e ao cacique da comunidade indígena, que prontamente atenderam nossa solicitação, bem como, da gestora da escola envolvida. Os mesmos assinaram autorização e termo de consentimento livre e esclarecido.

### **A cultura indígena kaingang e a criança**

A aldeia kaingang em foco neste estudo é parte da concentração da referida etnia no estado do RS. A população kaingang faz-se presente neste estado desde o século XVI. Segundo Mota (2004), é o maior contingente indígena no sul do país, cuja denominação – Kaingang - tem registro desde o século XIX. Exerceram importante influência na formação da população e da cultura rio-grandense. Assim como outros grupos, são da família linguística Macro-Jê e sua história está marcada por períodos de luta e dificuldades relacionadas à manutenção de suas terras e de sua cultura.

Até o século XVIII viviam, praticamente, em isolamento. Foi no início do século XIX que o contato com as comunidades não indígenas se intensificou, momento em que passam por um processo de aldeamento, em decorrência da chegada dos imigrantes italianos e alemães na região. As comunidades indígenas foram obrigadas a se concentrar em determinados espaços, demarcados pelo governo e por empresas colonizadoras, deixando livre o caminho para os imigrantes.

Esse processo gera grande impacto sobre a cultura kaingang, que eram coletores e acostumados a se movimentar em grandes espaços. Semi-nômades, segundo Pezat (1997), a proposta de confinamento dos índios em aldeamentos desconsiderou essa realidade, o que implicou na mudança de seus padrões sócio-culturais. A ação colonizadora, empurrando índios para espaços reduzidos, sob coação, não só modificou a cultura como provocou a dizimação de muitos indígenas.

O processo de aldeamento vem produzindo desdobramentos até os dias atuais. A aldeia indígena em questão traz em seu histórico períodos de luta e dificuldades vivenciadas pelos índios que ali residiam e residem. Com a reforma agrária realizada nos anos 60 do século XX, ocorreram novas reorganizações territoriais, com redução ainda mais significativa

das terras kaingang, sendo algumas aldeias, inclusive, extintas, o que gerou sérios problemas à sobrevivência dos indígenas e à sua cultura.

No final do século XX, o principal acontecimento ligado à população indígena foi a promulgação da Constituição Federal de 1988, que previu o apoio a todos os povos indígenas do Brasil, bem como, o respeito a estas culturas diferenciadas. Muitas perdas sócio-culturais já haviam ocorrido. No caso do povo kaingang, um fato importante e de grande impacto para a preservação e proteção da identidade vinha ocorrendo, a substituição da língua materna pela língua portuguesa, em decorrência do processo educativo estar sob a responsabilidade de professores não indígenas. A nova Constituição possibilitou a retomada deste processo. Em comum acordo com a Secretaria de Educação do Estado do RS, as lideranças indígenas optaram pela alfabetização das crianças e adolescentes também na língua materna kaingang.

No entanto, de acordo com Lima e Nascimento (2007), para os grupos indígenas, a escola não se configura como único lugar de transmissão de conhecimento e da preservação de sua cultura. Há muita sabedoria a ser transmitida e comunicada a todos pelos seus membros, principalmente, pelos mais idosos, contribuindo assim na formação da identidade indígena de todos.

Neste sentido, a organização social da comunidade indígena também tem implicações com o processo de manutenção e fortalecimento de diferentes elementos da cultura kaingang. Se aos homens cabe a responsabilidade pelas decisões políticas e, conseqüentemente, por assumir papéis de liderança, cabe às mulheres cuidar dos afazeres domésticos e o cuidado dos filhos. De acordo com Fernandes (2003), mesmo participando ativamente dos trabalhos agrícolas e da produção e do comércio das peças artesanais, a mulher não ascende a funções de liderança dentro da hierarquia indígena. A organização social também garante o acesso de todos os membros às técnicas e conhecimentos, permitindo assim, uma participação das crianças em quase todas as atividades diárias realizadas pelos adultos.

Os Kaingang se utilizam deste fato para educar as crianças a partir de sua cultura e costumes, valorizando-os como forma de proteção e constituição da identidade. Nesta perspectiva, o brincar tem uma função fundamental, assim como, o papel da mãe indígena, na medida em que é a principal responsável pelos cuidados das crianças e, entre outros, da constituição do mundo lúdico de seus filhos e filhas.

A história da criança, assim como a história do mundo lúdico, seus jogos e brincadeiras é uma construção humana, que envolve fatores sociais, econômicos e culturais. A

brincadeira, mesmo na cultura indígena, é a porta de entrada da criança para a aprendizagem de tarefas e ao desenvolvimento de habilidades sociais, necessárias a sua sobrevivência e à constituição de si mesmas. Neste sentido, história, cultura e economia se fundem e, dialeticamente, passam a fornecer subsídios que possibilitam às crianças a identificação com sua cultura, por intermédio dos símbolos culturais.

Nesta perspectiva, concordamos com Elkonnin (1998), que profere que o jogo assume caráter de atividade, pois, implicado com a demanda de uma dada sociedade, possibilita que a criança vá se tornando um membro ativo da mesma. Este processo também nos leva a refletir sobre o lugar ocupado pela criança no contexto societário e a compreensão do papel e o lugar dos jogos e das brincadeiras no processo de seu desenvolvimento. No universo indígena, a manipulação desde cedo de instrumentos do mundo adulto, sempre fez parte da educação das crianças. Ou seja, ao brincar as crianças aprendiam as manifestações da vida o que também lhes garantia habilidades de defesa e sobrevivência, dadas as condições de vida na mata.

Esse processo é referendado por Pereira (2003, p. 104), ao dizer que desde cedo e ao longo de diferentes fases da infância indígena, ocorre uma “evidente preparação informal quer para a vida dos ritos de iniciação, quer para a assunção gradual de atributos peculiares a vida adulta”. Câmara Cascudo (1984) também já havia se posicionado a respeito. Para o autor, já entre os séculos XVI e VXII os meninos brincavam com flechas, arcos, tacapes (arsenais de guerra dos adultos), bem como, caçavam pequenos animais e aves, cujas atividades, além de passatempo, eram também atividades de preparação à vida adulta. Os meninos indígenas ainda utilizavam os pequenos animais como instrumentos de suas brincadeiras, que eram adestrados e se transformavam, muitas vezes, em companhias inseparáveis, como aves, cobras, papagaios, macacos, entre outros. Da mesma forma, as meninas aprendiam as tarefas das lidas domésticas.

O mundo lúdico das meninas indígenas era bem mais restrito, pois, desde cedo acompanhavam as mães e as auxiliavam nos afazeres domésticos. Embora também interagissem com elementos da natureza ao brincar, inclusive com a fabricação e utilização de alguns utensílios de barro, suas atividades estavam ligadas à vida prática da comunidade indígena como ralar mandioca e preparar farinha, buscar água, frutas e lenha. Também imitavam suas mães confeccionando tecelagens.

Essa cultura ainda está presente no mundo indígena. Ao brincar, as crianças participam ativamente da produção diária da vida e, desta forma, apropriam-se do patrimônio cultural.

Sob o ponto de vista da instituição de condutas especificamente humanas, isso significa que cada geração inicia sua trajetória em um universo de “objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes”, cujo processo permite a apropriação de “riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social” (LEONTIEV, 2004, p. 284).

Estando a forma de organização social dos índios brasileiros ligada à natureza, é compreensível que as atividades lúdicas das crianças estivessem e estejam ligadas aos elementos que a compõe, como os animais, os rios e a produção da subsistência. E, estando os indígenas, cada vez mais imersos na cultura não indígena e na vida social e econômica do país, é compreensível que processos de muitas mudanças estejam ocorrendo, mais especificamente para o presente trabalho, em relação ao brincar da criança indígena. É a realidade desse processo, observada em uma comunidade kaingang, que passa a ser objeto de análise e a seguir.

### **Da apropriação da cultura à diversão: a vida lúdica da criança kaingang**

Do simples prazer ao complexo processo de apropriação das formas de ser humano, o universo lúdico faz parte das atividades que compõe a dinâmica humana. Implicado com a reprodução de uma determinada cultura, ao mesmo tempo em que a produz, sofre forte influência cultural de cada região, do modo de vida de cada sociedade.

Em relação às comunidades indígenas, os estudos realizados revelam que as atividades lúdicas sempre fizeram parte de seu cotidiano (BALDUS, 1979; MELO, 2011) como os banhos nos rios, as aventuras por intermédio da caça, da pesca ou escaladas em árvores, assim como, atividades ligadas à subsistência ou ao artesanato. Ou seja, atividades em íntima relação com o conhecimento e aprendizado das práticas socioculturais indígenas.

Na aldeia kaingang investigada, a grande preocupação da comunidade é a atual condição de vida, resultante dos processos de aldeamento, que cada vez mais reduzem o espaço físico, assim como, a intensa convivência com as comunidades não indígenas vem afastando as crianças de sua cultura.

As observações revelaram que a vida indígena vem sendo ressignificada. Se por um ponto de vista isto significa acesso ao conhecimento científico e aos bens culturais da humanidade e, conseqüente, um alargamento da leitura de mundo e suas possíveis

implicações para um viver mais qualificado, de outro, é um claro processo de afastamento, de esquecimento, de sobreposição, e por vezes, da negação de crenças e valores próprios.

A leitura possível de ser realizada dá conta de um intenso embate entre o resguardo e a perda da identidade, pois, o lugar, o território, é vital para os indígenas. De acordo com Little (2002, p. 11), o território significa a vinculação do grupo a uma determinada história, da mesma forma que a aldeia também está, historicamente, ligada “aos habitantes deste lugar; sendo assim o passar do tempo não apaga o conhecimento das mudanças e movimentos do grupo, desde que a memória dos ancestrais seja mantida viva para sempre”.

Em relação ao brincar, o estudo mostra que apesar do processo de aldeamento, da influência da mídia e a interferência cultural no contexto indígena kaingang, o mundo infantil ainda é permeado por uma tentativa dos adultos em manter em evidência sua cultura. Isso significa que o brincar, além do prazer, das emoções, da sensibilidade e da diversão, ainda tem influenciado o aprendizado de regras sociais, exercendo importante papel na socialização dos membros mais novos da aldeia. Muitas brincadeiras tradicionais continuam sendo transmitidas pelas gerações mais velhas, embora as crianças as vivenciem de forma menos intensa e frequente.

Representativo desta manifestação é a presença de atividades nos rios e as caçadas. Embora o acesso à mata e à água seja reduzido, foram registradas tais atividades. Desde bem cedo as crianças kaingang são ensinadas a nadar na beira de pequenos rios e a se deslocar na pouca mata que ainda existe. Ao brincar no meio líquido, além da apropriação de formas seguras de interagir com esse meio, a criança kaingang produz cultura, como distintas formas de acesso, deslocamento e permanência na água. Desafios como quem fica mais tempo submerso, salta mais longe ou mais alto (de árvores ou barrancos) ou se desloca mais rapidamente por um determinado trecho, são as atividades mais constantes

Outra brincadeira também identificada é composta pela tríade, água, lama e barro. À beira do rio ou mesmo em dias de chuva, tendo como lugar as imediações centrais da aldeia, as crianças kaingang se divertem amassando barro e o transformando em instrumento do brincar em jogos de ataque e defesa. Ou ainda, produzindo lama com as próprias mãos, com o intuito de deslizar em local plano ou escorregar pelas barrancas do rio.

Em relação à caça, foram observados vários momentos coletivos protagonizados pelas crianças ou dessas na presença de adultos. Ainda é possível identificar a caça de animais de pequeno porte, geralmente, com a utilização de pequenas e distintas armadilhas, denominadas

pelos indígenas de mundéis, arapucas, alçapões e lacinhos<sup>4</sup>, que são confeccionados pelas crianças a partir da mediação dos adultos. Também recebem dos adultos todas as informações de uso. Estas atividades sempre ocorrem de forma coletiva, quando duas ou mais crianças, sempre do gênero masculino, se aventuram na tarefa de caçar. Assim como em outras atividades observadas, os mais velhos entre o grupo são os responsáveis pelo cuidado aos mais novos. Porém, tais práticas são cada vez mais raras, pois, a mata de pequena extensão e a cultura do cultivo de soja e milho do entorno, não favorecem a proliferação de aves ou outros animais.

A cena mais inusitada, intensa e significativa foi registrada com um grupo de crianças do gênero masculino, que munidos com pedaços de madeiras e com a participação de vários cães, se organizaram na tentativa de caçar preás. O preá é um pequeno roedor ainda presente na aldeia, utilizado pelos indígenas como alimento. Essa atividade, embora possa ser analisada sob o viés da crueldade, para aquelas crianças, foi intensamente lúdica e “natural”. Identificamos na ação, considerada uma brincadeira pelos indígenas, a existência de uma complexa, mas lúdica logística, como a tomada de decisões coletivas sob a liderança, ora de um, ora de outro; elaboração de estratégias de deslocamento, aproximação e de ataque; e muita algazarra. As ações coletivas se sobrepuseram a qualquer intensão individualizada de alcançar êxito na caçada. As crianças relataram que, seguidamente, realizam tal atividade e que agir em grupo é fundamental para que o objetivo seja alcançado.

A cultura lúdica kaingang reflete um forte sentimento de pertencimento, que gera distintos desdobramentos, em decorrência, as atividades cooperativas e de alianças, como as acima descritas, são bem visíveis. Para melhor compreensão desse processo, é fundamental destacar o dualismo simbólico que norteia todas as ações dos Kaingang. Para essa cultura, “todos os seres, objetos e fenômenos naturais são divididos em duas categorias cosmológicas, uma ligada ao gêmeo ancestral *Kamé*, e a outra vinculada ao gêmeo ancestral *Kainru*” (SILVA, 2002, p. 190). Nesta perspectiva diz o autor, a diferença é considerada como “atribuição de pertencimento a metades diferentes”, mas também, do “ponto de vista da complementaridade”. Isso significa que uma metade somente existe em contraposição a outra, ou seja, são dialeticamente complementares. Esta forma de compreender o mundo não é um elemento isolado, mas fator decisório na organização dos indígenas e na constituição de sua

---

<sup>4</sup> Estes instrumentos são pequenas armadilhas construídas pelas próprias crianças com a ajuda de adultos. São confeccionados com o bambu taquaruçu, o fio de bananeira “kó” e ou pequenos pedaços de madeira, que tramados, se transformam em objeto e são utilizados para a caça, que também é um ritual lúdico.



identidade. Por intermédio dela, identificam parentescos, celebram rituais, organizam a vida coletiva. Dito de outra forma, “nossa marca é nosso respeito”, conforme fala de um idoso, registrada durante uma das observações.

A divisão da comunidade em duas metades distintas, mas que se complementam, favorece a coesão interna, a partir do estabelecimento de alianças, cuja lógica é dividir para somar. Reflexo deste dualismo é o desprendimento a bens materiais demonstrado pelas crianças. Embora haja desavenças, desentendimentos e conflitos, é costume de que o que é particular é também comunitário, principalmente, quando se trata do acesso aos objetos utilizados nas atividades lúdicas. Durante o tempo das observações, por exemplo, um menino recebeu de presente uma bicicleta de seu pai. A novidade foi dividida com as demais crianças da aldeia, como ocorre em outras situações. Todos andaram de bicicleta, meninos e meninas, até a mesma sofrer avarias. Sem manifestação de ressentimentos por parte do “dono” da bicicleta e agindo coletivamente, as crianças tentaram consertá-la. Sem êxito, recorreram a um adulto da aldeia. Consertada a bicicleta, todos voltaram a brincar.

Outra situação de igual natureza foi a caça com bodoque (estilingue). Enquanto alguns do grupo avistado se encarregaram do manuseio do instrumento, outros se encarregaram do transporte das sacolas com pedras utilizadas na atividade. Ao longo da mesma e em comum acordo, ocorreram trocas nas funções, o que possibilitou que todos participassem de todas as ações, experienciando todas as possibilidades inerentes à atividade. Comportamento semelhante foi identificado por Gosso (2004 apud RÚBIO; FUTADA; SILVA, 2006), ao observar crianças indígenas, o que lhe levou a analisar os jogos como sendo um processo da experiência sob o ponto de vista da confraternização e não somente da competição, posicionamento com o qual concordamos. Porém, mais do que confraternização, é a forma de ser indígena kaingang que se reflete em todas as atividades. A entre-ajuda, as alianças, o zelo com os mais novos e as ações coletivas permeiam todas as ações da vida cotidiana da etnia, resultado de sua crença na dualidade simbólica representada por Kamé e Kainru ou Kairu.

Embora as atividades ligadas à natureza acima descritas sejam representativas da cultura indígena e ainda estejam presentes no contexto observado e a forma como ocorrem seja um elemento característico da identidade kaingang, não foram identificados jogos específicos desta etnia, pois, são todas práticas identificadas em outros grupos indígenas e não indígenas. Em momento isolado, um pequeno grupo de crianças foi avistado divertindo-se com um jogo distinto dos até então observados, que denominam de Buso. O mesmo consiste

de um conjunto de 67 sementes, das quais 07 devem ter metade de sua superfície de coloração diferenciada. As outras sementes (60), de cor única, ficam disponíveis na banca. O jogo ocorre sobre uma superfície plana, podendo ser grupo contra grupo, em duplas ou de forma individual. Um dos jogadores dá início ao jogo, recolhendo as 07 sementes e jogando-as sobre a mesa. O que conta é o número de grãos cuja metade de cor diferenciada cair para cima. O número desses grãos corresponde ao número de grãos a serem recolhidos da banca e acumulados por cada jogador. Essa ação é realizada, sucessivamente, por todos os participantes, até não mais restarem grãos na banca. Ganha o jogo quem conseguir recolher o maior número de grãos.

Se este jogo foi uma ação solitária, outro esteve, intensamente, presente durante o período de observações, seja na escola ou em outras partes da aldeia, seja em forma de pequenos grupos ou em campo específico para tal prática – o futebol. Assim como já anunciado por outros autores, nomeadamente, Rocha Ferreira (2007) e Fassheber (2006), o futebol é hoje a prática corporal com maior presença no meio indígena kaingang, sendo praticada por crianças, adolescentes e adultos, há quase um século.

Considerado pela aldeia como um importante elemento da socialização de crianças e de adultos, indiferente de gênero e grupos tribais Kamé e Kairu, o futebol vem ocupando cada vez mais o tempo e os espaços da comunidade indígena. Esta prática faz parte das mudanças culturais que vem ocorrendo entre os Kaingang em decorrência da colonização e do consequente contato com a cultura não indígena. Com o surgimento da primeira bola na comunidade, adultos e crianças foram tomando gosto pelo artefato, sendo que os mais idosos, o consideram como o substituto do jogo da peteca, muito praticado em épocas passadas. Prática na qual existe um jeito kaingang de jogar, que a partir de sua dualidade simbólica, não fazem do futebol uma mera transposição de uma atividade do mundo não indígena para para o mundo indígena.

Inicialmente, o futebol era praticado somente pelo gênero masculino. Os mais velhos não aceitavam a participação do gênero feminino, pois, julgavam-na como sendo uma atividade exclusivamente masculina, ligada à demonstração de bravura, força e determinação. Era uma demonstração de poder e liderança, que cabia somente aos homens. É bastante recente a participação do gênero feminino, principalmente crianças e adolescentes, nas diferentes atividades que se configuram como jogar futebol, conforme identificado durante o período das observações.

Embora este fato seja bastante revelador, indicando pequenas rupturas em relação ao ser e agir feminino sob o ponto de vista da cultura não indígena, a diferença entre os gêneros ainda é um fato inegável como já relatado por Baldus (1979) e Fernandes (2003), entre outros. A forma de criação das meninas indígenas distingue bem os afazeres femininos dos masculinos. Foi possível identificar que as mães kaingang treinam as filhas, ainda meninas, para o casamento e os afazeres da casa. As ensinam a fazer comida, artesanato e brincar perto de casa, ficando sob o olhar atento das mães. Assim como na cultura não indígena, meninos e meninas protagonizam jogos considerados inerentes a um ou outro gênero, mas também se divertem, reproduzem e produzem cultura lúdica de forma coletiva. Como em outras aldeias, os jogos e as brincadeiras fazem parte do cotidiano tanto da criança menino como da criança menina, bem como, do cotidiano adulto.

De fato, o brincar ocorre nos espaços onde há crianças. Seja nos espaços abertos da aldeia ou nos espaços demarcados como o pátio escolar e o campo de futebol, sempre há grupos brincando. Nos espaços abertos como a área central da aldeia, os rios, matas e barrancos, as brincadeiras e os brinquedos utilizados ainda refletem o legado indígena. Estas formas de brincar também são identificadas no pátio escolar em horários extra-escolar. No entanto, a observação do recreio escolar, mostrou uma outra realidade, sendo identificado a reprodução de atividades que veem na mídia televisiva, o que vivenciam nas aulas de Educação Física ou jogos tradicionais como pegador, caçador, amarelinha, pular corda, imitações, entre outros.

Equilibrar-se sobre pernas de pau, construir e utilizar o bodoque/estilingue ou o estourador (brinquedo construído com bambu, que serve para lançar sementes ou outros materiais), nadar nos rios ou jogar futebol são atividades que atualmente se misturam ao uso de brinquedos industrializados ou a outras tecnologias. Em diferentes momentos e espaços foram identificados brinquedos industrializados como carrinhos, bonecas, games. O celular é utilizado, intensamente, como instrumento de diversão, por intermédio da utilização dos jogos que o mesmo permite e em menor intensidade, o notebook. Mas mais uma vez, essas práticas predominam entre o universo masculino.

Os meninos relataram o uso recorrente do vídeo-game, embora esta atividade não tenha sido visualizada, uma vez que as observações foram realizadas em espaços coletivos e não no interior das residências. Nestas circunstâncias, há a presença de um movimento contrário às demais situações lúdicas visualizadas, ou seja, o isolamento e a individualidade

assumem força e volume em detrimento das ações coletivas e compartilhadas, fato que vem ocorrendo de forma muito intensa nas comunidades não indígena, de onde se espelham ao ter acesso aos bens materiais que possibilitam tais práticas.

A vida cotidiana das crianças está sendo invadida por uma rede intensa de aparelhos virtuais, que provocam um imobilismo, anestesiando seus movimentos corporais, sua expressão e comunicação e seu contato com a natureza e os outros. Esse processo também provoca um apagamento da própria cultura lúdica, posto haver uma grande rotatividade de brinquedos impostos pelo mercado econômico. Não há mais tempo para produzir e se lembrar do processo de produção dos equipamentos lúdicos. Na memória há sempre a última novidade avistada, a tecnologia mais avançada. Esse processo provoca um apagamento da singularização dos sujeitos, que passam a ser marcados pela artificialização da própria existência e no âmbito da vida indígena, um apagamento da própria cultura.

### **Considerações finais**

Apresentar a finalização de um trabalho é sempre apresentar a provisoriedade de uma dada realidade. Neste sentido, é importante atentarmos para as especificidades do contexto em pauta, assim como, seus atores sociais, pois, os processos de desterritorialização, de aldeamento e de colonização vivenciados pelos Kaingang, tem correlação com os constantes processos de mudanças pelas quais sua cultura vem passando, por isso, impossível falar de considerações finais.

A criança indígena que brinca, foco do presente trabalho, é a mesma criança que se encontra no centro de uma grande dilema: seu atual modo de vida possibilita a preservação de sua cultura? Pois, se sob um aspecto o brincar ainda representa a possibilitada de conhecer a cultura kaingang e fortalecer os sentimentos de pertencimento à mesma, de outro, ao assumir as formas e os objetos dos brincares do mundo não indígena, vai assumindo cada vez mais as formas de ser e estar dessa cultura.

Considerando ser o lúdico uma atividade constante no cotidiano das crianças observadas, embora haja diferenças entre os gêneros masculino e feminino, os resultados evidenciam que há um brincar kaingang que vem sendo ressignificado. A prática de jogos e brincadeiras tradicionais permeados pelas crenças, valores e tradições culturais dos kaingang, ainda é uma atividade viva e exerce um importante papel na socialização e fortalecimento da cultura indígena. Contudo, é importante ressaltar que a inserção de objetos industrializados

nas aldeias e o contato com outras culturas tem colocado em risco esse acervo lúdico à medida que as novas tecnologias presentes nos brinquedos começam a ocupar o espaço e o tempo de atividades na natureza, assim, como, a individualizar as ações de uma comunidade que tem na dualidade compartilhada sua mais forte característica para sua organização social.

Isso nos remete à reflexão que Walter Benjamim nos propõe em seu livro “Brinquedos e Jogos: Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação” (2002) e pensarmos sobre a forma como a cultura do brincar da criança Kaingang vem sendo ressignificada. Além de todo o processo de aldeamento e vivência cada vez mais intensa com a cultura não indígena, as formas de brincar dos Kaingang também vêm sendo condicionadas pela cultura econômica e pelo processo de industrialização vigente.

A crescente massificação, seriação e homogeneização das coisas e das pessoas vêm impactando profundamente as formas de produzir a vida de todos os povos, impactando, por extensão, o brincar, a constituição da subjetividade e a sobrevivência da cultura kaingang. No âmbito da educação escolarizada, conhecer e compreender a cultura indígena é fundamental para nela e com ela atuar. Neste sentido, a realidade aqui relatada pode contribuir com o campo da Educação Física escolar, pois, problematizar práticas corporais implica em estar atento às características, necessidades e desejos próprios de uma dada cultura. No âmbito da etnia Kaingang, isto significa estar atento a uma corporalidade que se constrói no diálogo entre diferenças e singularidades, retomando a dualidade simbólica Kamé e Kairu; a uma cultura lúdica implicada com processos de aprendizagem, com o conhecimento de si e do mundo (indígena e não indígena), como elemento de comunicação e expressão e por isso, ser compreendida também a partir de sua função socializadora da cultura indígena.

Para finalizar, é importante ressaltar a necessidade de ações voltadas à preservação e revitalização da bagagem cultural Kaingang, sem perder de vista que possam ter acesso e usufruir dos bens culturais e científicos das comunidades não indígenas e participar ativamente da estrutura social da contemporaneidade, sem ferir a identidade étnica.

## REFERÊNCIAS

BALDUS, H. **Ensaios de etnologia brasileira**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

BENJAMIM, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1994.

CÂMARA CASCUDO, L. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

ELKONNIN, D. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FASSHEBER, J. R. M. **Etno-desporto indígena**: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

FERNANDES, R. C. **Política e parentesco entre os kaingang**: uma análise etnológica. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LIMA, E. G.; NASCIMENTO, A. C. O valor da comunidade indígena na construção da identidade da criança terena. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais16/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Brasília, DF: [s.n.], 2002. (Série Antropologia).

MELO, F. C. M. **Lúdico e musicalização na educação infantil**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

MOTA, L. T. A denominação kaingang na literatura antropológica, histórica e linguística. In: TOMMASINO, K.; MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares kaingang**. Londrina: Eduel, 2004. p. 1-16.

PEREIRA, A. M. N. M. **Brincando de ser criança**: contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da infância. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/NUNESTSE.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2013.

PEZAT, P. R. **Auguste Comte e os fetichistas**: estudo sobre as relações entre a igreja positivista no Brasil, o partido Republicano rio-grandense e a política indigenista na República Velha. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

ROCHA FERREIRA, M. B. Trajetória e travessias do desenvolvimento humano. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. Esp., p. 97-114, 2007.

RÚBIO, K.; FUTADA, F. M.; SILVA, E. C. Os jogos indígenas e as contradições do confraternizar e competir. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 105-119, 2006.

SILVA, S. B. Dualismo e cosmologia kaingang: o xamã e o domínio da floresta. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 189-209, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832002000200009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832002000200009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 18 mar. 2013.